

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Publicação: 1.º e 3.º de cada semana,
Lisboa, nos dias: 1.º de Janeiro, 1.º de
Março, 1.º de Maio, 1.º de Julho, 1.º de
Setembro, 1.º de Novembro, 1.º de Dezembro,
e nos dias 15 e 25 de cada mês.
Ano 1925

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia
CALCADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cilindros de Impressão e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras. Não se devolvem os originais. — Dos arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores

SEXTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1927

A REACÇÃO CONSERVADORA

Aqui referimos por várias vezes os propósitos de elementos monárquicos, de mistura com certos republicanos conservadores, de organizarem um movimento revolucionário, tendo como objectivo o estabelecimento duma situação política em que esses elementos podessem predominar.

O facto de ter fracassado o plano que se quiz pôr em prática, não quer dizer que nos devemos tranquilizar, como se o assunto tivesse ficado definitivamente arrumado.

A verdade é que, embora as tentativas monárquicas falhem, os seus organizadores delas não desistem, e a força de as repetirem pode acontecer, alguma vez, por bumbúrio, chegar uma dessas tentativas a ser bem sucedida. E então, precisamente porque uma tal situação não encontra atmosfera nacional, apoio por parte da população, arbrá pela força, pela violência, pelo arbitrio que essa gente procurará sustentar-se no poder.

Com esses elementos estão as forças-vivas, a finança, todos os autênticos exploradores do povo. A vitória desse movimento equivaleria assim ao esmagamento dos consumidores, a uma mais desenfreada exploração dos produtores, para que o capitalismo possa continuar a flocupletar-se com os lucros ilícitos que resultam da situação privilegiada em que se têm encontrado as oligarquias económicas, situação que ele não quer de modo nenhum abandonar.

A reacção monárquica e conservadora terá, pois, estes dois aspectos, qual deles o mais antipático — o de uma redução de liberdade e o de um aumento de exploração capitalista. Qualquer deles não pode deixar-nos indiferentes! Não podemos admitir que possamos ser ainda mais embaraçados na nossa acção do que já temos sido e que aumente a especulação abominável que se tem feito do trabalho, pagando-se salários insignificantes ou exigindo-se preços elevados pelos géneros, o que é uma maneira do capitalismo tornar a haver, absorvendo-o como uma esponja, esses exíguos salários que não chegam se não para os operários morrerem de fome.

Encarando desta forma os factos, o êxito duma tentativa monárquica ou conservadora não pode ser para nós apenas uma tentativa de ordem meramente política de que devêssemos inteiramente desinteressar-nos.

O perigo de uma tentativa de repressão burguesa não está inteiramente arredado. Que cada um de nós considere os inconvenientes que dum tal facto poderíamos advir à acção operária e procure dentro das suas possibilidades empregar o máximo esforço para o impedir, dispondo-se a fazer para isso, como em outras ocasiões tem sucedido, os máximos sacrifícios, inclusive o da própria vida, se for preciso pegar em armas para defender as poucas regalias conquistadas.

O FUNERAL DE EBERT

As manifestações em Heidelberg

BERLIM, 6. — Chegou a Heidelberg o comboio que conduzia o cadáver do presidente Ebert. Chegaram também 43 comboios com pessoas que foram àquela cidade acompanhar o cadáver. Os habitantes da cidade, em que se incluíam muitos discípulos do falecido, o seu velho professor e muitos amigos, prestaram-lhe uma comovida manifestação de pesar. A cerimónia foi simples. Uma banda militar tocou o «Deutschland-über alles» que o falecido tinha proclamado como hino oficial alemão. — (R.)

As desordens da polícia

BERLIM, 4. — Das colídes ocorridas com a polícia e a multidão que assistia à passagem do funeral do presidente Ebert e que tentou cortar os cordões de tropas, resultaram mais de cem feridos ligeiramente e efectuaram-se numerosas prisões. — (R.)

MAIS CARNE PARA O AÇUGUE

MADRID, 5. — O Directório Militar está estudando a organização de duas legiões de voluntários com um efectivo de mil e duzentos homens cada uma. — (L.)

Estalou ontem o anunciado movimento de carácter conservador

De todo o plano apenas se realizou o assalto ao Quartel General e esse mesmo falhou O que se passou durante a madrugada — O perigo duma nova intentona não está arredado

Conforme A Batalha vinha anunciando há dias, o projectado movimento revolucionário das direitas conservadoras, fortemente apoiadas pelos elementos monárquicos, teve o seu início durante a madrugada de ontem.

Apenas O Século — que está no segredo dos deuses — deu na manhã de ontem a notícia da intentona gorda.

A tentativa revolucionária gorou-se desta vez, porém, o perigo não está arredado, porquanto os principais elementos da conjura continuam ocultos na sombra preparando-se para desencadear um movimento de repressão e violência moldado no modelo de Rivera ou de Mussolini.

Aguardemo-los, pois, e saibamos, todos os que não queremos ver a governação do país nas mãos de militares e de banqueiros, resistir e vencer as ambições mesquinhas e torpes que os conservadores pretendem ver triunfantes.

Durante a madrugada

A junta dirigente do movimento conservador que fora nomeada ante-ontem à tarde numa reunião do «comité» revolucionário, marcou para as 2 horas da madrugada de ontem a eclosão da intentona.

O plano consistia em assaltar, além do quartel general, o regimento de infantaria 1.º, e de sapadores de caminhos de ferro e o 1.º grupo da administração militar na Cova da Moura.

Diz-se que a senha do movimento era «O que está aí a arder?» e a contra-senha «A chaminé não deita fumo...»

Realmente, pelas duas da madrugada começou a notar-se um movimento desusado

nas ruas. Na Rotunda, no Campo Grande, em São Pedro de Alcantara, na Avenida da Liberdade e nas avenidas novas concentraram-se vários grupos de civis que apoiariam o movimento conservador.

Começaram, porém, a aparecer nestes locais alguns grupos contra-revolucionários, dispostos a atacar os primeiros.

Entretanto, a junta dirigente adia a hora do movimento, o que fez com que muitos civis se retirassem desanimados, pelas 4 horas da madrugada.

Os sinais do movimento

Pelas 4 e meia horas ouviram-se três grandes detonações, para os lados de Alcantara. Às 5 horas, outra detonação para as bandas da Ajuda. Eram os sinais da revolução reacçãoária.

A mesma hora na Avenida Duque de Avila disparavam-se alguns tiros de pistola. Estava lançado o movimento. Porém, o adiamento da hora causara confusões, dando lugar à desorientação nas hostes conservadoras. Por sua vez os chefes não apareciam, não se sabia onde estavam.

O assalto ao Quartel General

O único facto anormal que se registou foi o assalto ao Quartel General. Os outros assaltos a que aludimos e que estavam planeados, não se produziram devido à desorientação que descrevemos.

Pelas 4 da madrugada, um grupo de sete oficiais dirigiu-se ao Quartel General. Dois deles conseguiram entrar facilmente, dizendo às sentinelas que iam visar as suas gualdras.

Entretanto, o cabo da guarda, Abel Leonardo, avisou do facto o sargento Duarte, que por sua vez foi prevenir o oficial de serviço, tenente sr. Manuel Gonçalves Borda.

Quando este apareceu os dois oficiais

lançaram-se sobre ele para subjugá-lo. Um dos oficiais, que ia fardado de alferes, julgando-o completamente dominado correu ao posto telegráfico. Era, evidentemente, plano seu cortar as linhas, para provocar o isolamento e apossar-se do posto. Porém, ao contrário do que esperava, os soldados que guardavam o posto telegráfico não o deixaram acceper-se, apontando-lhes as espingardas.

Convencido da inutilidade do ataque, o alferes voltou ao gabinete e viu, com grande surpresa, que o tenente Borda, libertando-se da mordida e aproveitando uma distração do adversário, conseguira vencer-lo.

Só havia um recurso para os assaltantes: fugir. Porém, os soldados alarmados pelo ruído da luta, prenderam-nos.

Entretanto, surgiu um outro soldado, avisando o tenente Borda de que na caserna estava um capitão, tentando revoltar os soldados. Era o antigo capitão João Gonçalves Cal, que foi abatido ao exercício em 1911, visto ter sido condenado pelos tribunais militares por ter tomado parte em várias conspirações monárquicas. E o referido capitão foi também preso.

Momentos depois chegava o general de divisão, sr. Adriano de Sá. Já estavam presos os três assaltantes que são: o antigo capitão João Gonçalves Cal, o alferes miliciano Martins de Lima, e Egas de Carvalho, que se apresentava fardado de tenente de infantaria.

A seis e meia da manhã o sossego era completo.

Vários pormenores

As comunicações telefónicas com o norte estiveram interrompidas desde às 6 horas da manhã.

À noite, porém, foram restabelecidas.

Correram boatos de alteração da «ordenança» no Porto, Coimbra e Santarém, que foram desmentidos pelo ministério da guerra.

O antigo capitão João Gonçalves Cal fugiu, saltando duma altura de sete metros para a Tapada das Necessidades, desaparecendo.

Os outros presos foram transferidos para a Trafaria.

O ministro da guerra afirma categoricamente que as forças da guarnição estão inteiramente fieis ao governo, nenhum indicio se tendo verificado em qualquer unidade que revele acôrdo com a «intentona».

As declarações do presidente do ministério

Interrogado sobre os acontecimentos pelo dr. Nuno Simões, o presidente do ministério diz que eles não se revestiram de uma grande gravidade para o regime; em todo o caso é necessário encará-los de frente para que a desordem definitivamente acabe. Para isso conta com o apoio do Parlamento.

Apoiados. Em seguida, o Presidente do Ministério leu à Câmara o relatório do chefe do estado maior da 1.ª divisão ao general comandante da mesma divisão.

Continuando o Presidente do Ministério, Vitorino Guimarães, comunica que, dos três indivíduos presos, um conseguiu evadir-se e que o ministro da Guerra vai proceder a investigações para descobrir o trama a que os assaltantes do Quartel General devem estar ligados.

O governo pede ao Parlamento mais do que o seu apoio: pede-lhe que deixe a sua sentimentalidade, que só tem servido para ficarem impunes todos os atentados cometidos contra a república.

UMA CONFUSÃO PROPOSITADA

O órgão das «forças vivas» pretende, em vão, acusar-nos de fazer a apologia do atentado

«Vejam, bem, todas as pessoas honestas, o que há de parvamente cínico neste comentário monstruoso», escrevia O Século depois de transcrever a nossa afirmação de que o soldado que disparou sobre o capitão não seria um criminoso, mas uma vítima da educação caserneira. Dissémos uma verdade, não nos admirando por isso que O Século a considere parva, cínica e monstruosa. Anatole France, a maior cerebração literária da França, afirmou, bastantes vezes, que o exército era a escola do crime. Teria sido o maior escritor da França contemporânea um cínico, um parvo e uma alma monstruosa? Todos esses palavres, merece a notícia do Século, cheia de odio, de odio cobarde e de tolice, da genuína tolice conservadora.

Millerand — Millerand deixou há pouco a presidência da república — afirmou, um dia, que o exército era um foco de germinação criminosos. Logo, Millerand é um parvo, um cínico, um criminoso... Dispensamo-nos de apontar pessoas de notável talento nas letras, nas artes, na ciência, que fizeram afirmações semelhantes. Isso só provaria que os nossos comentários poderiam ser reforçados por criaturas que foram grandes nas esferas do pensamento e da arte, mas que importância isso teria para O Século que pode citar-nos os altos pensamentos do novo rico sem gramática, nem inteligência Alfredo Ferreira, ou o de outros grandes pensadores de balcão que obtiveram a sublime invenção dos metros de 90 centímetros e dos quilos de 900 grammas e a essa invenção devem as suas fortunas?

Um rei — para um jornal conservador um rei, que foi dum país e não do assambarcamento das cebolas, deve merecer certa importância — Frederico da Prússia afirmou num assomo de sinceridade e num rasgo de inteligência que no dia em que os seus soldados pensassem, nenhum deles ficaria nas suas fileiras. Esse rei, que era um general experimentado e vitorioso, exprimiu assim que o soldado não raciocina, não pensa, não possui vontade própria; não é um homem, é um automato. É um automato que possui consciência? Eis a razão porque nós apontamos o soldado como uma vítima, pois que a educação caserneira tende a anular-lhe a consciência, a imbecilizar-lhe, a transformá-lo num ser inútil e perigoso.

Que ensinam ao soldado? A obediência, a obediência passiva às ordens do seu superior. Qual o dever do soldado? Refletir ou obedecer. Obedecer, evidentemente. Mas quem obedece não é o homem — o homem que os regulamentos da caserna amaram — mas o soldado, isto é um ente sem vontade, sem raciocínio. Esse ente é um infeliz, uma vítima, seja qual for os actos que pratique. Inteligência, raciocínio, vontade, personalidade — tudo isso pertence ao seu superior. Se o soldado dispara e mata, o superior foi quem ordenou que disparasse e matasse. Ele assassinou filhos do povo, seus irmãos de oficina e de miséria, por ordem do seu superior e não reagiu porque a educação que lhe ministraram na caserna tornou-o num assassino inconsciente.

deu anular, e então sente como um homem e não como um soldado. E reage. Como um homem? Não, como um soldado. E com a espingarda que lhe ensinaram a disparar dispara sobre um superior.

O capitão foi vitimado pelo soldado? Na aparência, sim. Mas na realidade foi vitimado pelas espingardas do exército e por um soldado tão inconsciente como a espingarda que o alvejou e o tiro que o atingiu.

Em Silves, os soldados dispararam sobre mulheres e crianças indefesas. Um crime? Sim, um crime que a educação caserneira tornou possível; um crime, mas os criminosos eram irresponsáveis, eram soldados. Contudo O Século não chamou criminosos aos soldados!

Nós, que não aplaudimos o fusilamento de mulheres e crianças em Silves, não aplaudimos — apesar da má fé do Século o afirmar — o gesto do soldado que feriu a tiro o capitão, arrastados a isso pelo respeito que nós temos pela vida humana, porque não somos nem comerciantes, nem industrialistas, nem militaristas.

No caso a que nos estamos referindo não consideramos criminoso o soldado, por que a caserna lhe tirou todas as condições humanas que o poderiam responsabilizar pelo acto que praticou. Quere, porém, O Século admitir o critério da responsabilidade? Se tem essa pretensão é porque não reflectiu nas consequências a que ela pode arrastar. Esquece-se de que se o soldado fosse responsável, não dispararia as espingardas contra os seus inimigos, e esses não são os operários, mas aqueles que estabeleceram no país a miséria e a fome e pretendem agora estabelecer uma odiosa tirania.

Diz o órgão das «forças vivas» que o oficial agredido agoniza no catre dum hospital. E! mentira. Felizmente o referido oficial saiu do hospital para casa de sua família e pode considerar-se livre de perigo; ao O Século é que convinha que o oficial morresse para justificar melhor todo o seu odio.

Uma coisa de tudo isto nos deixa absolutamente indiferentes: é O Século chamar-nos bandidos, a nós que somos contra o crime. Ao dinheiro dos comerciantes agrada o epíteto lançado sobre nós. Só desejamos ao insultador bom apetite e que a mandegoura se lhe não acabe breve. Os comerciantes são às vezes tão ingratos e nunca se usou gratidão para os cães de guarda que ladraram aos que passam...

PELA ESPANHA

A protecção às empresas exploradoras

MADRID, 5. — O conselho de estado deliberou por maioria prorrogar por 25 anos o contrato entre o estado e a companhia transatlântica mediante uma subvenção de 25.400.000 pesetas, autorizando-se ainda a emissão de obrigações quando seja necessário com o aval do estado de juro de 6 por cento, embora a companhia tenha déficit. — (L.)

OS DESASTRES NO TRABALHO

DÃO-SE ALGUMAS VEZES POR INCONSCIENCIA DOS OPERÁRIOS

— Dão-se muitos desastres no trabalho porque os operários não sabem organizar a sua defesa...

Esta frase apanhada no ar, pronunciada por quem tem, por deveres do seu cargo, o dever de conhecer a fundo a questão operária, não que se refira a desastres no trabalho, despertou a nossa curiosidade, e puzemo-nos prontamente em condições de averiguar a sua veracidade.

Puzemo-nos, em campo, e eis aqui tudo quanto pudemos apurar.

Muitos operários, e em especial trabalhadores que ainda não receberam o influxo da educação social, transmitida pelos seus sindicatos, consentem a si próprios trabalharem em condições que, a um simples golpe de vista, se verifica a iminência do desastre que os irá vitimar.

Verdadeiros escravos, autênticos servos da gleba, esses trabalhadores que ainda não atingiram, por ineficiência sua, a mentalidade de operário do nosso tempo, persistem de trabalhar em péssimas condições de segurança, não obstante as recomendações e os avisos dos fiscais do tribunal dos Accidentes de Trabalho.

Pouco depois do aviso, o desastre dá-se, e algumas vezes, infelizmente muitas vezes, esses trabalhadores que não souberam prevenir o perigo que os vitimou, aumentam o seu erro, não sabendo depois como conseguir a assistência médica e económica a que como sinistrados implicitamente têm direito. Esses trabalhadores não sabem reclamar os seus direitos ou, ainda mais, muitas vezes chegam a fugir dos seus próprios benefícios.

E preciso olharmos a valer para estes casos.

No tribunal dos Accidentes de Trabalho, chega-se muitas vezes a instaurar processo contra alguns industriais, a pesar do sinistrado não ter dado sinal de si, e não vir também participação alguma da casa ou empresa onde o sinistro se deu.

Que significa isto?

Quer isto simplesmente dizer que o tri-

bunal tem conhecimento pelos jornais de desastres de que não recebe participação oficial.

Porquê?

A resposta envolve importantíssimas afirmações.

Há operários que não dão parte ao tribunal do desastre que os vitimou, alguns deles inutilizando-os para sempre, porque transigem embaixar particularmente uma indemnização do patrão, que faz o seu negócio com o caso!

O tribunal já desfaz alguns desses pseudo-acordos, obrigando os operários a desfazer o seu compromisso e a seguirem o que determina a lei, que quando convenientemente aplicada não lhes é muito desfavorável.

Registam-se ainda outros casos.

Há operários que transigem em consentir que na lista de vencimentos a enviar para as companhias de seguros, os seus ordenados sejam diminuídos, para que os seus patrões, que têm que pagar às companhias seguradoras em proporção aos vencimentos dos segurados, passem a pagar muito menos!

Outras vezes, para que a proporção sobre esses vencimentos seja reduzida, nas listas são abatidos muitos nomes de operários.

Está-se a ver a confusão, a trapalhada burocrática, quando um sinistrado é precisamente aquele cujo nome não figura na lista!

Quem são os prejudicados? Os operários sem dúvida.

Mas a pesar disso eles persistem nestes erros, nestas transigências, que torna quase impossível a sua defesa.

Recomendamos estes casos aos operários conscientes para que eles sejam os fiscais dos seus camaradas que, por ignorância, por falta de espírito social, por atraso em relação à dignidade e direitos já obtidos pelos trabalhadores, persistem em «supor-tarem e admitirem tudo, colaborando na obra dos seus algozes, como verdadeiros escravos!»

tanto pelo que respeita a material e géneros como a passageiros, reduções que variam entre 20 e 36 por cento.

Quanto aos Caminhos de Ferro do Estado, informa que o seu «deficit» não permite ainda grandes reduções.

Voltou o sr. Tavares de Carvalho a lamentar este facto que atribui à péssima administração que os Caminhos de Ferro do Estado têm tido.

O ABUSO DA CARESTIA DA VIDA

«O Século» continua a defender os verdadeiros responsáveis

O Século, que ante-ontem reconhecia o abuso dos comerciantes no que respeitava a preços de alguns géneros, já vem ontem tornando o bico ao preço, pretendendo atribuir a alta dos preços apenas a incompetência dos governos, e fazendo defesa acorrida do comerciante, do industrial e do agricultor.

Para melhor fazer a sua defesa, vai dizendo que só defende os honrados, quer dizer... aqueles que nos arrancam a pele honradamente...

Quais são dentre esses exploradores, afinal, aqueles que O Século considera honrados?

Não o diz, assim como não cita os nomes dos que cometem abusos. E deste modo nós temos que considerar a atitude de O Século como a mais comoda, espécie de malarbista jogando com pau de dois bicos.

Anteontem, para captar o publico, e ganhar uma autoridade aparente, fazia o seu joguinho declarando que, efectivamente, havia abusos, acrescentando, mesmo, que, com a desicida de cambio, se não justificava a alta de alguns preços.

Ontem, para não desagradar ao comércio, vinha com um artigo, segundo o qual o movimento dos cambios não influi nos preços dos géneros, acrescentando que só os governos, tem as responsabilidades pelo que se está passando.

Chegamos à conclusão de que o artigo de anteontem, em que reconhecia os abusos apenas foi escrito para, melhor, e mais desafogadamente, prosseguir na sua defesa a favor dos exploradores!

E como não ver assim, se O Século é o órgão de todos os organismos onde estão filiados esses mesmos exploradores? Se defende os que não cometem abusos — diz ingenuamente... Como poderá efectivar essa declaração, se esses organismos são sócios bons e maus comerciantes?!

E' espantoso, porém, como O Século pelo que respeita a cambios, não dá pela manobra dos que especulam e apenas regista, permonorisadamente, os erros dos governos? Mais espantoso, ainda, que considere como vítimas o pobre comerciante e agricultor!

Eles, a quem não falta nada, em luxo e comodidades, as pobres vítimas, e nós os criminosos! Não é?!

Pasma a gente como a mão do jornalista que escreve tais monstruosidades não se recusa a tamanha injustiça!

Repare O Século que, com as nossas palavras, não procuramos defender os governos. Entendemos, porém, que eles não são os únicos culpados. Todos nós conhecemos os actos de exploração, de riqueza injustificada, com que nos afrontam alguns homens das «forças-vivas», e não poderemos, sobre tudo, desculpar aos governos a sua fraqueza, a sua cobardia ante tais discursos.

Mas aos homens das «forças vivas», especialmente aqueles que enriqueceram durante a guerra, falta toda a autoridade para criticar os governos.

Porque se revoltaram as «forças vivas»? Foi, por ventura, por qualquer causa nobre, justa ou de geral interesse para o país? Então, só agora, é que viram os erros dos governos, em matéria cambial?

Não! Não tem a menor autoridade. Levantaram-se contra o governo, apenas porque, em determinada altura, este não transigiu, totalmente, como era costume.

Transigisse o governo na questão da selagem, na reforma bancária, e noutras questões de restrito interesse das «forças vivas», e estas não teriam arvorado o pendão da revolta.

Interesse, tudo interesse, sempre interesse!

Agrava-se o cambio, encarecem os géneros, o consumidor é roubado e o comércio enche os cofres, mas só o governo é o culpado!...

Melhora o cambio, os géneros mantêm-se na alta, o consumidor continua a ser roubado, e só os governos são culpados!...

Por cima disto tudo vem O Século dizer que as «forças vivas» são pobres vítimas! Não é verdade que isto dá vontade de ri?!

Numa outra local ainda o mesmo Século pretende refutar o que dissemos sobre lucros fabulosos de Bancos, e diz que os 30 por cento que alguns distribuíram, como dividendo, é uma bagatela, porque é moeda fraca.

Acha pouco os 30 por cento? E os ordenados chorudos, as gratificações e percentagens aos cavalheiros que são directores desses Bancos, também acha pouco?

Isso é de comerciantes, industriais e banqueiros, para O Século, são tudo vítimas, pobríssimas vítimas!...

Está decidido que não podemos chegar a um acôrdo. E sabe O Século porquê? E' porque ele, defendendo o rico e poderoso, só tem em mira o seu interesse e comodidades. Enquanto que nós, defendendo os humildes e explorados, aumentamos os nossos prejuizos materiais, embora tenhamos em paz a consciência.

Que novidades teremos?

A Rússia está adquirindo grande quantidade de armamentos

MOSCOW, 5. — O governo dos soviets está procedendo a grandes armamentos. Este mês devem ficar organizadas 36 divisões de cavalaria. Cada divisão de cavalaria e de infantaria terá quatro aeroplanos, vinte «tanks» e aparelhos de gases asfixiantes. No mês de outubro iniciar-se-á a construção de aerodromos em Sebastopol, Rostov, Karknow, Tsaritsin, Fili, Tachkent e Gorsk. Foram encomendados à Holanda e à Itália 350 aviões e à Inglaterra 20 canhões de grande alcance. Além disso, o governo adquiriu também até agora 200 aeroplanos, 500 canhões de campanha, 3.000 «traiçadoras» e 25 milhões de cartuchos. — (L.)

Em torno da pseudo insubordinação no Limoeiro

Desfazendo a especulação da imprensa burguesa sobre os presos por questões sociais

Os jornais fizeram em torno da pseudo insubordinação dos presos do Limoeiro, as mais fantásticas versões sem que, em nenhuma delas, se prestasse à verdade o mais rudimentar culto. No intuito de desfazer essas versões tendenciosas, vamos referir, sucintamente, o que se passou no Limoeiro.

Na terça-feira de Carnaval, entrou, na enfermaria daquela cadeia, um indivíduo que alguns presos logo reconheceram: era o enfermeiro Alegria, do forte de Monsanto. O sr. Alegria passou revista à enfermaria, fez um sorriso alvar e saiu. Horas depois, apareceu uma lista de 9 presos a quem era determinada «alta». A surpresa foi geral. Quem teria encomendado a proeza ao enfermeiro Alegria?

O que é facto é que as «altas» não foram confirmadas, no dia seguinte, pelo médico e os doentes ficaram na enfermaria. Na sexta-feira dessa semana voltou o sr. Alegria ao Limoeiro e, passando próximo da enfermaria, ao ver junto das grades alguns dos doentes a quem tinha dado «alta», olhou-os desdenhosamente e sorriu-se. Provocados, os reclusos increpam-no, chamando-lhe desumano. O sr. Alegria, para justificar a increpação, puxou da pistola e ameaçou com ela o nosso camarada Rodolfo Marques da Costa.

Nesse momento saíram do grupo B, as visitas, motivo porque se estabeleceu confusão, levando no meio dela, o sr. Alegria, alguns murros.

Depois disto, três dos presos sociais, enviaram um bilhete ao director da cadeia pedindo-lhe para os ouvir, a fim de justificarem a ocorrência. O sr. Pestana Júnior não quis ouvir os presos e mandou chamar apenas Rodolfo Marques da Costa. Este respondeu que, tendo pedido para ser ouvido com mais dois presos, só ali iria com eles.

Então, o sr. Pestana Júnior mandou chamar o comandante da força que vigia a prisão e ordenou-lhe que trouxesse Rodolfo Marques da Costa à sua presença. O tenente da guarda veio ao recinto da enfermaria e chama o aludido preso. Este diz que não tinha intenção de desrespeitar as ordens, mas que extranhava que o director não o mandasse chamar juntamente com os outros presos, quando isso sucedia bastantes vezes.

O tenente da guarda, que é uma criatura sensata e inteligente, evitou delicadamente qualquer conflito e conseguiu que Marques da Costa fosse à presença do director acompanhado dum guarda. Passados 15 minutos regressa, e o incidente pareceu ter finalizado. Porém, aí por volta das 2 horas, a guarda republicana entra na cadeia e obriga a seguir para o forte de Monsanto todos os presos sociais.

Não houve insultos, nem manifestações de revolta, ao contrário do que muitos jornais afirmaram. Houve apenas o propósito de demorar a transferência para Monsanto, pois os presos do Grupo B queriam que ela se fizesse de dia e não de noite, motivo porque se barricaram. A atitude cordata do oficial da guarda fez com que eles se entregassem confiadamente e seguissem, sem protestos, para Monsanto.

Damos estes esclarecimentos para, como acima dissemos, desmentirmos as atoardas de certa imprensa que capricha em maliciar os presos, sem que, contudo, nunca tivesse reparado que eles vivem numa cadeia que é um antro infeccioso onde se respira a doença e a morte.

OS QUE MORREM

MANIFESTAÇÃO FÚNEBRE

No próximo domingo realiza-se uma manifestação às 10 horas da manhã, na rua de Santa Cruz do Castelo, 9, a favor de Vitorino Trinca, encarregado das fábricas dos Armazéns do Chiado.

Esta manifestação, promovida por um grupo de amigas das finadas, sai às 14 horas, da sede da Academia Recreativa Luís de Almeida Grandela, para o cemitério de Benfica, nela tomando parte um grupo musical.

Orfeon Académico de Lisboa

Uma sessão na Câmara Municipal

No salão nobre dos Paços do Concelho realiza-se amanhã, pelas 21 horas, uma sessão solene para entrega da bandeira do Orfeon Académico de Lisboa, oferecida pela Câmara Municipal.

No final da sessão o orfeon dará um concerto, executando, entre outros trechos, os seguintes: «Panis-Angelicus-Palestina», «Coral Alentejano», «O Remador» de Alfredo Keil; «Proposição dos Lusíadas», de U. Nascimento.

O trabalho, órgão e propriedade da Associação de Classe dos Operários da Indústria Têxtil da Covilhã, refere-se nos termos seguintes ao 6.º aniversário de A Batalha.

O 6.º aniversário de A BATALHA

«Mais um ano que passa sobre a fundação do jornal A Batalha, esse intemerado defensor dos oprimidos, que tão bem tem sabido cumprir a missão para que foi criado.

Dizer o que tem sido a acção de A Batalha era necessário, se o operário não conhecesse tão bem como nós.

O trabalho, órgão defensor dos operários têxteis da Covilhã, não podia deixar de saudar o intemerado lutador, assim como todos os que nele trabalharam, incitando-os a prosseguir na luta que iniciaram há 6 anos.

O bi-senário humorístico Os Ridículos, de 28 de Fevereiro, referia-se ao nosso aniversário nos seguintes termos:

«Completo na passada terça-feira, seis anos de existência. O nosso colega A Batalha, porta-voz do operário em geral. Jornal humilde e escrito por humildes, mas fôra de negócios, a sua existência tem sido atribuída como o são de todos os jornais que vivem apenas do favor do público.

Aos nossos camaradas de A Batalha as nossas cordiais saudações.

Os nossos agradecimentos.

A Secção Profissional dos Estudadores enviou-nos as suas mais calorosas saudações pela passagem do 6.º aniversário do nosso jornal.

PROFESSORADO PRIMÁRIO

Ficou ontem constituído o Núcleo Escolar de Lisboa

Reuniu ontem o professorado de Lisboa afecto à União para organizar o seu núcleo. Depois do professor Jaime Valente que presidiu à sessão ter historicado as «demarções» feitas junto da direcção do Grémio dos Professores de Lisboa para ingressarem na União e de o professor Alvaro de Carvalho ter lido as condições da plataforma proposta pelo referido Grémio a assembleia resolveu, por proposta do mesmo professor, que se constituía o Núcleo Escolar de Lisboa e que se federe imediatamente na União do Professorado Primário.

Aprovada esta proposta passou-se à eleição da comissão organizadora do Núcleo que ficou constituída pelos professores D. Maria da Conceição Gonçalves, D. Alice Luís, D. Maria da Conceição Correia, Alvaro de Carvalho e Ernesto Coelho.

Foi aprovada por aclamação a seguinte moção:

«O Núcleo Escolar de Lisboa ao constituir-se saúda todo o professorado do país especializando nesta saudação os núcleos escolares federados na União do Professorado Primário Oficial Português, a imprensa pedagógica e a diátria.»

A FRANÇA E A AMÉRICA

Uma entrevista misteriosa

PARIS, 5.—O sr. Herriot recebeu ontem o sr. Herrick no Quai d'Orsay, tendo a entrevista durado 45 minutos. O embaixador americano fazia-se acompanhar pelo sr. Herriot, conselheiro da embaixada, e o sr. Herriot por dois funcionários do ministério dos Estrangeiros. A conversação foi toda estenográfica, mas não foi fornecida qualquer nota oficial acerca dos assuntos discutidos.

O embaixador, falando com os jornalistas, declarou que não se tinha tratado na entrevista da questão das dívidas inter-aladas, mas unicamente de assuntos de menor importância.—R.

VIVETTE

Confirmou ontem novamente o êxito que tinha obtido na véspera esta linda peça, levada à scena no Nacional e onde Hilda Stichini, Rafael Marques, Grêmida de Oliveira, Clemente Pinto e Albertina de Oliveira têm admiráveis criações.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 1\$500

Pelo correio 1\$650.

Pedidos à administração de «A Batalha»

Sociedades de recreio

Sociedade Boa União.—O juri que funcionou para o apuramento das «Cegadas» que se apresentaram no certame que se realizou nesta sociedade, reuniu em conjunto com a comissão organizadora, apreciando os originais enviados e resolvendo pôr de parte todas as «Cegadas», embora já classificadas, que não apresentaram os originais solicitados.

Academia Almadaense.—Promovido pela Comissão Pró-Instrução, realiza-se no Domingo um concurso de cegadas. Previne a comissão as que ainda não se tenham inscrito, a fim de o fazerem, para elaboração do programa.

Seguir-se-á um concílio poético por um grupo de cultivadores da Canção Nacional, auxiliado pela Troupe Abel Negro.

Sociedade F. Incrível Almadaense.—No próximo domingo, pelas 13 horas, realiza-se no salão desta sociedade um certame de cegadas, sendo conferidos prémios às três mais classificadas.

Vai ser construída uma gare marítima?

Está sendo estudada nas estações competentes a forma de ser brevemente posto em prática um novo regime de desembarque de passageiros no porto de Lisboa, tornando esse serviço semelhante ao que se faz nos grandes portos estrangeiros onde todos os paquetes atracam às muralhas nas operações de passageiros e bagagens.

Pensa-se também na construção de uma gare marítima a fim de facilitar a ligação dos portos da América com o centro da Europa.

TEATRO NACIONAL

HOJE, às 9,30 da noite

VIVETTE

DE JACQUES DEVAL

TRADUÇÃO DE VASCO BORGES

Peça originalíssima, emocionante, intercalada de deliciosos diálogos

Brilhantíssima interpretação

Sucesso inextinguível

ESTÃO SUSPENSAS AS ENTRADAS DE FAVOR

DELICADEZA POLICIAL

Anteontem a polícia perseguiu por qualquer motivo um indivíduo pela rua Silva e Albuquerque.

A pesar de que a rua é bastante estreita e algo movimentada a polícia não hesitou em fazer vários tiros nesta rua, o que é uma imprevidência indiscutível.

Tendo conseguido agarrar o citado indivíduo junto à estalagem da Guia, levaram-no, empurrado a murros, para a esquadra da Mouraria.

Delicados como sempre, os nossos civis.

—Foi já pôsto em liberdade, por nada se ter provado contra ele, o carteiro supra Carlos da Silva Marques, que fôra preso para averiguações, no dia 21 do passado mês, sobre o roubo da mala postal na 5.ª secção dos correios.

Quando esteve na esquadra do Campo Grande foi maltratado pelo agente Delgado, da polícia de investigação. Também no governo civil vários agentes se portaram menos correctamente com as mulheres, visitas de sua casa, que ali foram para prestar declarações, tendo o agente Baptista chegado a pronunciar, propositadamente, palavras obscenas diante da mulher do Marques.

Que admira que a polícia seja tão «inducida», quando possui um comissário como o sr. Ferreira do Amaral?

MADAME FLIRT

Oliveram ontem em São Carlos fervorosas aclamações todos os intérpretes desta espirituosa peça, onde há, a admirar a «exquisite» sensibilidade de Lucília Simões, a interessante protagonista, a «nervosa» de Erico Braga, o chiste de Almeida, a distinção de Samuel Dinis e ainda a deliciosa harmonia do conjunto.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartões e livros de escultura, mapas de escultura, mapas de escultura de costas e de matriculas para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juvenidades, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre aos preços mais baixos do mercado.

Grande obra de Victor Hugo, «OS MISÉRÉVEIS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernados com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando de porto o embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades literárias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29

LISBOA

DESPORTOS

Festival desportivo

No próximo domingo, pelas 13 horas, realiza-se um festival no campo desportivo dos Armazéns do Chiado, promovido pelo grupo «O Destino». Do programa constam provas de atletismo—corridas pedestres, lançamento de peso e luta de tracção—para o que estão inscritos equipas de vários clubes, sendo conferido o bronze «O Destino» ao clube que maior número de pontos alcançar.

Disputar-se-á também uma taça de prata num desafio de futebol entre o grupo «O Destino» e o Atlético Clube de Lisboa, sendo o festival abrindo por uma banda de música.

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as províncias.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-B. 2.º

O Estado contra os Professores

O professorado primário vai tomar uma resolução energica pelo desprestigiante facto de a 10.ª Repartição de Contabilidade não lhe pagar em dia os seus vencimentos.

Assim, os professores de Oliveira de Azeite até esta data ainda não receberam os seus vencimentos de Janeiro!

E ninguém providencia!

APOLO

A revista mais graciosa da actualidade, na opinião unânime do público, é a que se intitula MOLA REAL e que continua em scena neste teatro, fazendo rir com as suas impagáveis scenas em que apparecem personagens de um cómico irresistível como o «Laverca» e o «Chauffeur», etc., etc.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor, a 10000. Consulta especial das 10 às 12. Certam-se de dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

Eden Teatro

(Telefone Norte 380)

HOJE, ÀS 9,30 DA NOITE

UM SÓ ESPECTÁCULO

A espectacular mágica

A SEMANA DOS 9 DIAS

Agradado unânime—Graça inofensiva

Espírito a valer—Lindíssima música

Notável desempenho de toda a Companhia OTELO DE CARVALHO

PREÇOS POPULARES

O critério de um juiz

Um despejo violento e arbitrário

Procurou-nos Miguel Buttler, filho de Maria dos Anjos Amaral Buttler, senhora do prédio da Rua das Olarias, 3, para nos dizer que a acção de despejo intentada contra o inquilino do 2.º andar, António Ferreira, foi movida, não por falta de pagamento de rendas, mas por má vizinhança, isto é, porque António Ferreira é alfaiate e faz muito barulho com os ferros. Disse ainda que a acção já tinha sido decidida a favor do inquilino na 1.ª instância e a favor da senhoria na Relação, tendo o inquilino recorrido para o Supremo Tribunal; que, a instância da senhoria, o juiz assinara o mandado de despejo, e que o inquilino voltaria para sua casa se o Supremo Tribunal decidisse a causa a seu favor.

Estas declarações em nada desmentem o que ontem dissemos. Apenas comprometem o juiz Olivares, que não tinha o direito de assinar o mandado de despejo, porque eles estão suspensos e porque a acção ainda está a correr devendo ser julgada hoje.

Constitui pois um abuso, como ontem dissemos, o despejo efectuado.

Comboios da linha de Sintra

Pelo novo horário em vigor na linha de Sintra desde 1 do corrente foram criados mais alguns comboios que facilitam as relações entre Lisboa e Sintra.

Assim, para as pessoas que desejam ir almoçar a Sintra têm o comboio directo que parte do Rossio às 10,50, podendo regressar no comboio semi-directo que parte de Sintra às 15,10; para os que ali desejem jantar há um comboio directo às 17,21 e outro semi-directo às 18, os quais permitem o regresso pelo comboio semi-directo que parte de Sintra às 22,38, ou ainda antes pelo das 21,03 ou depois pelo das 0,15.

Para quem pretenda passar o dia em Sintra há, por exemplo, além doutros, os comboios que partem do Rossio às 8 semi-directo e 10,50 directo, tendo para regresso os comboios das 18,20 directo e das 19,43, 21,03 e 22,38 semi-directo, sendo o último às 0,15.

Entre os novos comboios há um semi-directo que sai do Rossio às 21-16 e outro de Sintra às 12-20, que certamente serão muito apreciados.

Agremiações várias

Grémio dos Fiscais do Município.—Reúne no próximo domingo, às 20 horas, a assembleia geral.

Grémio dos Funcionários do Município.—Os actuais e antigos dirigentes deste Grémio reunidos para apreciarem a resolução do Tribunal da Relação de Lisboa, que confirmou a sentença dada pela Autoridade Administrativa acerca do processo da reorganização dos serviços municipais: resolveu aconselhar a classe a confiar na acção do seu advogado, conscientes de que ele saberá como até agora defender os interesses dos funcionários afectados pela resolução camarária de 10 de Abril de 1923. Ao mesmo tempo resolveu lançar público o seu protesto pelo facto de se pretender elevar o número de funcionários quando é certo que para ser tomada a resolução acima mencionada se alegou que nos serviços municipais existiam funcionários em excesso.

Comissão Socialista do Castelo.—Reuniu, tendo nomeado delegados à Federação Municipal os srs. Joaquim Leite e João Carvalho da Luz. Toda a correspondência deve ser enviada para a sede provisória, rua de Santa Cruz do Castelo, 9.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja 1\$00

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura 50

José Prata — A burguezia e o proletariado 50

Content — Contra o confusãoismo 50

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social) 30

Landauer — Social Democracia 30

R. Mela — O principio do fim 30

.. A maçonaria e o proletariado 30

J. Most — Peste religiosa 50

J. Rio

Trovas da noite 1\$00

Definições sociais 50

Contos dum revoltado 1\$00

Roberto o Pescador 1\$00

.. Carnet de Pensamento 20

Bakunine — No sentido em que somos anarquistas 50

Chueca — Como não ser anarquista 50

B. Lazare — A Liberdade 50

J. Etrevant — A minha defesa 50

Kropotkin

A mocidade 50

Os bastidores da guerra 30

Moral anarquista 50

J. Guedes — Lei dos Salários 50

Briand — A greve geral 50

Roland — Rússia Nova 50

.. O sindicalismo e os intelectuais 50

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário 50

A. Hamon — A crise do socialismo 1\$00

J. Santos — A transformação da sociedade 50

Neno Vasco

Georgicas 30

Greve de inquilinos, teatro 1\$00

Domela — Patria e Humanidade 30

.. Proletariado Histórico 1\$00

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal 1\$00

A Revista Bianco em espanhol 1\$50

Renovação, vários soltos a 50

TEATRO APOLO

HOJE

EM DUAS SESSÕES A REVISTA

MOLA REAL

ARTE, GRAÇA E DESLUMBRAMENTO

'A Batalha' na provincia e arradores

Portalegre

O custo da vida

PORTALEGRE, 3.—Enquanto que os salários são miseráveis, em especial os dos corticeiros e dos rurais, e se verifica a falta de trabalho, os géneros de primeira necessidade continuam por preços exorbitantes, domingos havendo em que os mercados semanais são verdadeiras vias perigosas ou encruzilhadas para temer, tal o preço que os hortelões têm por bem destinar aos produtos que vendem.

Ao que ouvimos, estão em via de organização as comissões paroquiais e distritais da famosa e negregada U. I. E., nesta cidade.

Entretanto não existe um único sindicato operário suficientemente forte para lutar com energia contra essa numerosa quadrilha de exploradores do povo.—C.

Tires

A falta de pão

TIRES, 2.—Também aqui tem escasseado o pão, que ultimamente sofreu vários aumentos, sucessivamente de 1\$80 para 2\$00, 2\$22 e 2\$40, sendo de pessima qualidade e roubado no peso.

E não haverá quem meta estes senhores na ordem?—C.

Sintra

A higiene publica

SINTRA, 5.—Na rua da Veiga da Cunha há um cano de esgoto que rebentou, exalando um cheiro insuportável, o que muito prejudica os moradores dessa rua e constitui um perigo para a saúde publica.

Não há um sub-delegado de saúde que tome as medidas que o caso exige?

Cascais

A desumanidade dum cavalheiro de industria

CASCAIS, 3.—Porque somos contra todas as injustiças, partam elas donde partem, vamos hoje ocupar-nos do seguinte caso passado nesta vila:

A Associação Humanitária e Recreativa Cascaense, tinha como sua empregada uma velhota muito estimada e que estava a serviço desta Sociedade há seguramente 38 anos. Tem esta colectividade como director perpetuo, o sr. Joaquim Teófilo Segurado, que é quem põe e dispõe de tudo. Pois este cavalheiro agora, talves para atender a alguma empenhosa, acaba de despedir a pobre velhota, que conta 85 anos de idade, depois de 38 anos de serviço! Isto é espantoso! E foi o sr. Segurado que procedeu desta maneira.

A vítima, é parenta do camarada Augusto Gonçalves Coimbra; também isso teria contribuído para tal procedimento?

Mas de qualquer forma, é uma injustiça que os sócios daquela colectividade devam repudiar, para não serem considerados tão criminosos como o sr. Segurado.—E.

Ervedal

Esclarecendo

ERVEDAL, 3.—Algumas inexactidões saíram nas duas cartas nossas referentes ao comício e carnaval que convém desfazer.

Quanto ao comício, devemos esclarecer que a nossa atitude de discordância para com o correspondente do órgão das «forças vivas» foi motivada pelo facto do mesmo ser professor e viver como nós do produto do trabalho.

Sendo como nós uma vítima, outra devia ter sido a sua atitude.

Acerca do produto do baile do carnaval, é forçoso declarar que se destinava à construção dum teatro.—E.

Lagos

Barbaridade dum senhorio

LAGOS, 4.—Luís António é um operário soldador, quasi impossibilitado de trabalhar, e a quem a crise de trabalho mais veio complicar a sua já miserável situação, pois tem uns poucos de filhos aos quais não pode dar alimentos nem vestuários.

Pois o seu senhorio, Alexandre Augusto Paletti, sem consideração alguma pela sua situação, acaba de lhe pôr todo o triste mobiliário na rua, forçando-o e às crianças a suportar todo o rigor da inverno.

Este facto traz toda a gente indignada, tendo havido já quem manifestasse o desejo de arrombar a porta e reintegrar na sua moradia a família desalojada.—C.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugene Sue «Os Mistérios do Povo» que revela a história dum familia de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SERIE DE 10 TOMOS, 5\$00

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—às 21 h. (9 da noite)—HOJE

Grande Companhia de Circo

Notáveis e extraordinários trabalhos nunca vistos em Lisboa

As maiores novidades e atracções mundiais

O melhor e mais barato espectáculo da Capital

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Nacional

A peça de Jacques Deval «Vivette» tradução de Vasco Borges

Não chamarei arrojado ao tema da peça de Jacques Deval «Vivette», porque não chega sequer a pretender desenvolver uma tese que tão bem nela ficaria, limitando-se a simples narrativa de factos, uns verosímiles outros inverosímiles.

O problema do amor mais uma vez posto em equação, assaltou o espírito do dramaturgo, mas sente-se que o seu desenvolvimento é bem começo e que, tratado o assunto como está, leva-nos a dizer que Jacques Deval quiz dizer amor e não lhe chegou a língua, como se usa dizer num velho rião português.

Na verdade um outro autor de mais fôlego não enunciará somente o teorema e, conquanto se antolhe difícil a sua solução, poderia ir bem mais longe, naquele dilema cruel em que se vê o homem simultaneamente amado por duas mulheres e cuja acção sincera origina, mais do que um antagonismo de momento entre as duas, uma inquebrantabilidade de abnegação do amor que ambas professam por ele.

Quando foi dumá já o havia sido da outra, e assim nesta fala o passado da conquista e naquela o presente do acaso. Por fim a vítima maior, o homem, vacilante entre os direitos de afeição que deixou adquirir pela amante e a dedicação ingénua, ardente e desinteressada, até amorosa (ohl paradoxo) da mulher com quem casou cede em última instância pelo cansaço sem que saibamos de facto qual dos seus dois amores (!) era o maior, visto que os antecedentes da peça dizem precisamente o contrário do que o seu desfecho nos vem patentes.

E' desta inconsistência de critério e sentido dramático que nascem as incoerências que não sendo aliás muitas na peça, são no entanto bastantes a inutilizar o tema que tanto se prestaria a um autor de pulso. A tradução jungiu-se habilmente ao original, como que a acenar-nos desesperadamente com a irresponsabilidade do tradutor, dr. Vasco Borges, a quem de forma alguma poderíamos atribuir a intenção de levar o seu direitismo republicano ao ponto de afeição ao seu talento o quasi esquivismo do tema de Deval.

No desempenho há a mencionar o supremo esforço feito por Hilda Stichini, na defesa dum papel tão fôr do seu tipo scenico, a correcção de Clemente Pinto, as vezes prejudicadas por um escusado tom declamatório, o bom tipo, como arranjo, de Joaquim de Oliveira, a sobria intenção e a bem marcada personagem que Rafael Marques encarnou, sendo para louvar a sua equilibrada encenação, a honestíssima, certa e distinta interpretação de Albertina de Oliveira e o bem observado tipo do actor Calazans no «Trivelino».

A estreia no teatro Grêmida de Oliveira não foi tão igual, no seu desempenho, como seria para desejar, e isso proveio da divergência que existe entre o seu carácter de artista e a qualidade do personagem. Os outros artistas conscienciosos. Fresco e alegre o cenário do 2.º acto, original o do último. Portas de madeira no primeiro, assim é que é, mas não fiquemos por aqui... Bem tocado pelo quinteto o «Werther».

—NOGUEIRA DE BRITO.

Noticias

E', inadiviavelmente, na segunda-feira que poderemos aplaudir, em S. Carlos, a grande atriz Lucinda Simões, que, ao lado de sua filha, a inconfundível Lucília, representará, ambas, na peça de Carlos Selvaes intitulada «Ninho de Aguias».

—Há a maior animação pela «matinée» que, promovida pelo maquinista Saul Ferreira, e dedicada à Aviação Nacional, se realiza no domingo, no Eden, revertendo 5% da receita a favor do cofre de pensões da A. C. T. T. O espectáculo é variadissimo e repleto de atrações.

Festas artísticas

Realiza no próximo dia 11 a sua festa artística a atriz Raquel de Barros, que tem, com justiça, no teatro musicado revelado excelentes recursos de atriz e de cantora. Raquel de Barros faz a sua festa artística com a opereta «João Rato», em que desempenha um dos seus interessantes papeis.

Rêclames

«Encontra e comovê toda a gente, até as lágrimas, a emoção e o sentimento com que Hilda Stichini interpreta a protagonista da «Vivette», a mulher do escultor Arquyde».

—Foi verdadeiramente entusiasmática a recepção que o publico de S. Carlos fez, na sua reaparação, a illustre artista Lucília Simões e à sua companhia.

No interessantissimo «Baile Gê de Rosas» causaram verdadeira sensação as lindíssimas «toilettes» apresentadas pelo elemento feminino da companhia. Hoje, em S. Carlos, repete-se «Madame Flirt», que no domingo

